

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista

A Biblioteca Municipal



Proprietário:

Nunes de Oliveira

Director e Editor interino:

Ilídio Joaquim Nunes de Oliveira (Dr.)

Redacção e Administração:

Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras

Comp. e imp.: EDITORA POVEIRA — Póvoa de Varzim

Telefone: Viatodos — 96167

Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 82465 — BARCELOS

PROBLEMA NOSSO e de Nosso Senhor

Peçamos mais Operários
ao Senhor do Campo

É fácil alguém pensar: Mas que posso eu fazer para aumentar os padres e as freiras, se não estou em condições de me oferecer nem tenho filhos ou filhas que sirvam para isso?

Pois bem, vimos hoje dizer que se pode sempre fazer alguma coisa. Em questões dos homens talvez pudéssemos desculpar-nos que as não sabíamos resolver. Mas quando os problemas são sobretudo de Nosso Senhor, logo se tornam obra de todos e todos podem ajudar a resolvê-los.

E já que nós não somos capazes de fazer nascer a sementezinha da vocação no coração de uma criança, nem podemos conseguir que os rapazes e raparigas queiram mesmo ser fiéis à inclinação recebida de Deus para a Vida do Sacerdócio ou do Convento, resulta que em tal assunto é muito mais importante a parte de Deus do que a nossa.

Mas é isto sobretudo que aumenta a nossa influência e responsabilidade. Deus é que faz as coisas, mas nós já sabemos como podemos influir sobre a vontade de Nosso Senhor e como Ele deseja mesmo que lhe peçamos certos favores.

Não é verdade que, se alguém tem um parente ou amigo no Ministério, se sente satisfeito, porque essa pessoa o quer ajudar por ser seu amigo e o pode ajudar por ser ministro?

Pois bem: neste assunto acontece o mesmo. Quem pode dar a vocação e ajudar a segui-la é o Nosso Pai do Céu. Ora, sabendo nós como entre pai e filho as coisas sempre se arranjam, como vamos pensar que não temos nada a fazer? Ainda bem que o problema está tanto nas mãos de Nosso Pai! Assim se torna problema de família; problema de todos; para o qual todos podemos contribuir; no qual todos devemos ter a nossa parte.

E note-se também que o mesmo Deus está interessadíssimo na questão. E Ele o Senhor do Campo, pois todas as almas foram adquiridas com o seu sangue; e agora muitas delas correm perigo de se perderem só por falta de quem lhe espalhe e cultive os frutos. E é também o Senhor dos operários, pois, como diziamos, é Ele que os chama e ajuda a ser fiéis.

Por isso mesmo, o Senhor deseja ser por nós importunado, quer que o forcemos a vir em auxílio das almas com muitos sacerdotes e religiosas.

Se nós desejamos ver a situação melhorada, Ele o deseja muito mais do que nós. Fazendo a nossa vontade, fazemos também a sua, de ver todas as almas bem encaminhadas.

E isto é tão verdade, que foi Nosso Senhor mesmo que nos pediu para rezarmos por tal intenção. Viu, diz o Santo Evangelho, virem a si as gentes famintas «como ovelhas sem pastor». E teve pena de tantos desencaminhados e de Si, ou seja, do seu sangue, para tantos

(Continua na quarta página)

Doutor Nunes de Oliveira

Para tomar parte nas III Jornadas Farmacêuticas Portuguesas, segue hoje para Lisboa o Doutor Nunes de Oliveira, que no próximo sábado fará um discurso na sessão de encerramento, sob a presidência do Sr. Ministro da Saúde e Assistência, Dr. Neto de Carvalho.

O I CENTENÁRIO DO SAMEIRO

Braga recebeu carinhosamente o Legado Pontifício ao Congresso Mariano, S. Eminência o Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira

A CIDADE DE BRAGA está em pleno Congresso Mariano—como só ela sabe realizá-los: com esplendor e com Fé. Vivem-se na cidade dos Arcebispos momentos espirituais que sobrelevam as materialidades do quotidiano. Olha-se mais para o Céu nestes dias, nem que a chuva venha toldá-lo. Braga volta, assim, ao tempo de um D. Manuel Vieira de Matos, e o Arcebispo Primaz, D. Francisco Maria da Silva, vai-lhe na esteira e dá às solenidades, com a sua veneranda presença, o cunho dos grandes Antistes que a história registará. — Braga de 1964 ficará como palco de um dos acontecimentos mais grandiosos para o seu historial — e dele emanarão, por certo, aqueles favores e graças que só a oração consegue de Deus.

Estamos ainda no encerramento do 1.º Centenário do Santuário do Sameiro, empreendimento maravilhoso a que meteu ombros a respectiva Confraria. Por um ano inteiro ele prendeu a devoção dos crentes e dos fiéis — que subiram a Montanha Santa entre cânticos e preces. Mas é agora, ao encerrar, que as solenidades tomam mais brilho.

Como número do programa comemorativo, a Cidade de Braga assistiu, no domingo, à vinda e chegada da Virgem — que abandonou o seu trono para vir mais para o pé dos seus fiéis e de mais perto poder abençoar o Congresso que iria começar em Sua honra. E foi uma tarde memorável. Nem a chuva, que caiu durante a tarde toda, e tal como se estivéssemos em rigoroso inverno, estorvou que a procissão iniciada, cerca das 15 horas, para chegar à Avenida Central



D. FRANCISCO MARIA DA SILVA
Venerando Arcebispo Primaz de Braga

pelas 17, fosse constituída por milhares de pessoas a que se juntavam outras durante todo o percurso. Depois, naquela ampla artéria — coração da cidade — era um mar de gente.

Em tribuna própria aguardavam as autoridades religiosas — o Arcebispo Primaz à frente — civis e militares. Faz a saudação à Virgem o rev.º Padre Manuel Gonçalves Jorge. Transformam-se em Hino as suas palavras, que a multidão escuta, indiferente à chuva que cai copiosamente. É um desafio entre o tempo e a Fé que esta vence com galhardia. E a Virgem segue para a Sé Primacial, precedida de um enorme cortejo a pé. O «Salvé Nobre Padroeira» sai em cânticos de todas as bocas para rezarem depois.

Inolvidável jornada! — a que se juntam agora as palavras do Arcebispo Primaz para também, em prosa tersa, tecer seu Hino Àquela que é Padroeira de Braga e Padroeira de Portugal. E há o acenar de lenços — um adeus até logo, pois que, todos os dias, a guarda de honra à Virgem será feita por fiéis que não querem deixá-La sôzinha um instante.

Magnífico!

A chegada a Braga do Legado Pontifício

Na tarde de 3.ª-feira chegava a Braga o Legado ao Congresso de S. S. Paulo VI. Da sua comitiva faziam parte o Subsecretário da Presidência, Dr. Paulo Rodrigues, que representava o Governo, o chefe de protocolo

(Continua na sexta página)

As Comemorações do 28 DE MAIO

COMO já foi largamente noticiado pela imprensa diária, revestiu-se da maior vibração a sessão realizada na noite do passado dia 28, no Teatro-Circo, em Braga. Ao Snr. Governador Civil, Dr. Francisco Pessoa Monteiro se deve em grande parte o êxito alcançado, pelo elevado interesse que pôs na realização de mais esta Comemoração, procurando assim que a chama da Revolução se não extinga, mas, muito pelo contrário, se reavive intensamente.

Nessa sessão usou em primeiro lugar da palavra o Sr. Dr. José Luís Nogueira de Brito, que, em certo momento, referindo a figura de Salazar, disse:

«Passados poucos anos sobre a tomada de posse, era este mesmo homem que podia apontar com serenidade os resultados do seu labor.

E com esses resultados ficavam satisfeitas as aspirações fundamentais de quem o escolheu. O Estado para além da prossecução dos seus fins essenciais: defesa externa e tutela da ordem pública interna, podia também, dedicar-se àquelas tarefas que a complexidade crescente da vida lhe impunha, em número cada vez maior: A Administração, depois de moralizada, entregava-se com energia redobrada ao desempenho das suas funções.

Não era tudo, porém. Havia ainda que estruturar os factores que tinham possibilitado tão grande renovação da vida nacional. Havia que concluir a Revolução em tão boa hora iniciada, projectando-a no plano de renovação política. Havia, em suma, que ultrapassar a fase de regência, dando novas fórmulas políticas ao País capazes de fazer trilhar os seus próprios caminhos, depois de tantas tentativas de vazar a nossa vida em moldes estranhos, de tantos anos de esquecimento da nossa dignidade de pessoas e de persistência em nos considerar um amontoado de indivíduos, cobiadas de todas as experiências».

E para terminar acrescentou:

«Camaradas uns dos outros nesta obra de dar vida e viver a cada momento os princípios que Salazar soube formular para nós,

começamos já amanhã, retemperados por esta jornada, em que movidos pela bela virtude de gratidão viemos prestar homenagem aos maiores da nossa causa e depôr flores nos túmulos dos que por ele caíram, com autêntico espírito revolucionário, a mostrar-

(Continua na segunda página)

Cardeal Patriarca

Em comboio especial, com destino a Braga, passou em Nine Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, que era acompanhado de altas individualidades, entre as quais destacamos o Ex.º Sr. Dr. Paulo Rodrigues, ilustre Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho.

Aguardavam o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, os Srs.: Padre José Garcia de Oliveira, Dr. Ilídio Nunes de Oliveira, Prof. Isaías Machado, Professoras D. Honorina Moreira Pinto Torres e D. Maria Sofia Mendes Teixeira Ferreira; as Senhoras D. Arminda Serrano Oliveira, D. Laura Garcia de Oliveira, D. Maria dos Prazeres Garcia de Oliveira, etc.

Depois de amistosas saudações seguiu para Braga, onde vai presidir às Comemorações do Sameiro como Legado Pontifício.

No próximo número daremos relato circunstanciado desta recepção.

Presidente da Câmara

Segue esta semana para Lisboa, onde vai tratar de assuntos do maior interesse para Barcelos, o sr. Dr. Luís de Figueiredo, ilustre Presidente da Câmara Municipal.

AS COMEMORAÇÕES DO 28 DE MAIO

(Continuação da primeira página)

-nos dignos do testemunho que mais prestigiado ainda, temos de entregar aos que hão-de vir».

Depois falou o Dr. Rui Pereira e Alvim, que começou por afirmar:

«É difícil senão impossível, para quem como nós foi educado politicamente pelos homens da geração aurora do 28 de Maio, ver e ponderar os problemas da política interna, por outro prisma que não seja o do interesse nacional».

E mais adiante continuou:

«A Revolução só pode ser feita por revolucionários, pelos que possuam uma consciência suficiente e revolucionariamente estruturada. Só por aqueles que revelem um pensamento nacional, dinâmico, íntegro, realizável e actual.

A Revolução só pode ser esta que hoje comemoramos se for continuada por homens que possam enfrentar o julgamento do futuro com a serenidade e as mãos limpas dos homens honestos, porque, como dizia Salazar, a Revolução deve ser séria nos seus processos».

E terminou assim o seu vibrante discurso:

«Eu creio na Revolução Nacional, eu creio naqueles, que nesta hora e neste instante, se batem nas longínquas paragens do Além-Mar, confiando o progresso desta terra ao nosso trabalho e à nossa inteligência; eu creio na força indestrutível da nossa razão e ainda que estamos a tempo, talvez na última hora, mas a tempo, de salvar Portugal».

O orador seguinte foi o distinto Major Rui de Mendonça, Comandante Distrital da Legião Portuguesa, de cujo discurso inserimos algumas passagens:

«Está feita a história do Movimento do 28 de Maio de 1926; do estado geral do País que o justificou, ou antes, que o exigiu; das incertezas daquela hora de há 38 anos; das circunstâncias em que se operou e, coincidência singular: hoje como então, festa de Braga—«Roma Portuguesa»—a Padroeira de Portugal. Julgo, em verdade, que pouco mais haverá a dizer acerca desse facto histórico. No entanto, já o mesmo se não poderá dizer quanto à sua definição.

Se o considerarmos como simples acto revolucionário, o 28 de Maio teve o objectivo comum a todas as revoluções: depor o regime vigente e tomar conta do Poder. Nessa era, de triste memória, o País era governado alternadamente por partidos. Partido, agrupamento de indivíduos que perfilham as mesmas ideias, representa logo na sua origem quebra de unidade. Estabelecido que tem por missão fundamental engrossar as suas hostes, há que exercer intensa propaganda sobre as massas, atraindo-as, às vezes pouco honestamente, com promessas que se sabe de antemão não poder cumprir. Ora, quanto maior for o número de partidos num país, maior é a pressão que os vários caciques exercem sobre o grosso da população, submetendo-a a uma autêntica tirania mental, gritando-lhe cada qual e simultaneamente, as virtudes reais ou imaginárias do seu programa político.

Depois, como as convicções doutrínarias dentro de cada partido não são igualmente sólidas em todos os indivíduos, acontece de se verificarem cisões, ou seja: o partido que, já por si, é uma divisão, acaba por se fragmentar em subdivisões, podendo afirmar-se que, um regime partidário, irradia uma verdadeira divisão em cadeia. Sabendo-se que qualquer partido não pode viver sem

luta, sob pena de se negar a si próprio, e que, portanto, ao nascer já traz consigo os germes da contenda e da desunião; e ainda, se nos dermos ao trabalho de averiguar o número de partidos existente à data do Movimento, da sua acção nefasta na vida do País; se atentarmos na infundável série de consequências, já por demais conhecidas e que ficaram, para vergonha nossa e exemplo de vindouros, gravadas, de forma indelével, na história do primeiro quartel deste século, avulta à nossa inteligência o extraordinário serviço que o Exército prestou a Nação».

Mais adiante afirmou:

«Urge desencadear uma grande campanha de doutrinação, baseada no pensamento de Salazar, que abranja os diferentes pontos da população, levando a todos os lares a palavra de ordem, coordenadora e orientadora da acção e do pensamento geral do País na presente conjuntura da vida nacional. Campanha que seja ao mesmo tempo uma esperança no futuro, de combate à dúvida, ao boato, ao derrotismo e à intriga mesquinha, tal como se encontra expressa no ideário da Revolução Nacional.

Há que fomentar sem demora a saúde moral da gente portuguesa, pois, um povo moralmente são é invencível; e já que estamos em guerra, não só é preciso não ser vencido; é necessário, acima de tudo vencer.

Hoje, mais que nunca, os acontecimentos na sua linguagem rude nos impõem o dever de recordar a palavra do Chefe: «Unidade, coesão, homogeneidade». Nada—Meus Senhores—poderá causar tão grave prejuízo ao País, nem revelar tão nefanda ingratidão, para me não servir de frase mais enérgica, do que deixar perder no esquecimento o conjunto de preceitos doutrínarios em que assenta todo o nosso ressurgimento e, mais ainda, a nossa sobrevivência como nação».

E terminou assim as suas palavras:

«O tempo, que na sua marcha implacável vai desenrolando as suas sempre imprevisíveis vicissitudes, trouxe-nos a dolorosa surpresa da guerra áspera contra algumas parcelas do nosso território de Além-Mar onde milhares de pessoas inocentes já perderam a vida sem qualquer motivo que o justificasse. A hora é de provação e não se compadece com meias atitudes nem com divisões internas, que podem perder-nos irremediavelmente. Torna-se indispensável, portanto, que, mercê do nosso comportamento, em relação ao que se passa no Ultramar, se possa concluir no futuro que o Movimento Nacional de 28 de Maio não foi em vão...»

Assim o reclama com o direito dos seus oito séculos de história a consciência nacional».

Falou a seguir o Prof. Doutor Nunes de Oliveira, soldado militante do Regime—onde se formou desde os verdes anos, pois foi um dos grandes entusiastas da Acção Escolar Vanguarda, precursora da Mocidade Portuguesa, de cuja primeira Direcção fez parte.

Do seu discurso damos algumas passagens:

«Avivemos nós o passado, dizia Salazar em 28 de Maio de 1950, para fazermos justiça ao presente. Sim, avivemos nós o passado, sobretudo nesta encruzilhada inquietante da civilização, em que o homem, talvez mais do que em nenhuma época, é tão pouco fiel a si próprio. E é também fraco e infiel, por vezes, a memória dos homens, mórmente quando dominados pelas paixões ou escravizados a doutrinas deletérias que desde logo os colocam em desobediência às razões superiores da disciplina e do dever.

Sim, avivemos nós o passado, até porque, como acentuou Salazar, «a mocidade não pode bem julgar os benefícios do presente, por lhe faltar, para termo de comparação, o conhecimento directo do passado».

E mais adiante disse:

«Em seguida aclamemos Salazar, o Homem que nos deu uma doutrina e que, com prudência, com dignidade, com firmeza e excepcional clarividência, tem presidido ao Governo de Portugal. Sim, aclamemo-lo com toda a nossa inteligência, com todo o calor do nosso coração, com todo o ardor do nosso entusiasmo, porque ele soube restituir à Nação certezas inabaláveis—«Deus e a sua Virtude; a Pátria e a sua História; a autoridade e o seu prestígio; a Família e a sua Moral; a glória do trabalho e o seu dever»—e nelas assentou todo o ressurgimento Nacional.

Grande honra para a Universidade portuguesa por ter sido, como alguém escreveu, um universitário a surgir da Cátedra para presidir à convalescença da Nação, para ordenar a sua cura, para comandar o seu resgate.

Temos então uma doutrina e com ela a possibilidade de dar execução às grandes realizações.

Em dado momento afirmou:

E foi e é exactamente com essa política de verdade e neste clima de ordem que Portugal teve e tem possibilidade de travar hoje—seguido a sua gloriosa tradição—uma dura batalha, para vencer não propriamente o terrorismo em Angola e na Guiné, mas a onda avassaladora de ideologias de índole subversiva, imperialismos económico-financeiros, acobertados da falsa bandeira de libertação de povos, quando alguns alinham entre os maiores opressores de nações civilizadas!

E continuou:

«Em face do desvairamento a que temos assistido nessa Desorganização das Nações Desunidas, que paradoxalmente, porque se chamava Organização das Nações Unidas, passou a constituir um perigo para a paz, sem qualquer garantia de respeito mútuo, temos de compreender a necessidade, hoje mais do que nunca, de cerrarmos fileiras e mantermos íntegra a frente interna, já que nas plagas africanas se encontra a nossa desmetida Mocidade a atestar aquilo que sempre fomos através da História.

Saibamos nós, hoje como ontem, corresponder a tantos sacrifícios, tantos sofrimentos e angústias, não cometendo o grave erro de desprezar o mais importante factor de sobrevivência espiritual e material da Nação—a unidade.

E depois de várias considerações sobre a vantagem de evitar determinados erros, disse:

E quando insisto na necessidade de corrigir erros, não é com o fim de inutilizar os homens ou de os recriminar acerbamente, mas para que esses mesmos erros estejam suficientemente presentes de forma a não se repetirem.

E frisou ainda:

«É indispensável, portanto, que não nos abandone a preocupação de obedecer à verdade ou pelo menos de procurarmos encontrar sempre os caminhos da verdade, sem os estorvos das paixões».

Por isso a crítica, servindo-me ainda de palavras de Salazar, «bem informada, séria, objectiva, tem efeitos salutares, só com não deixar criar a mística da infalibilidade ou da irresponsabilidade».

E acentuou:

«Os hiper-críticos, actuando em oposição sistemática, deliberada, desleal, tornam a sua crítica deletéria, porque não corresponde a qualquer espírito construtor e de colaboração».

Depois continuou:

«Mas além disso, todos nós, como já uma vez disse, que sentimos na inteligência e no coração o perigo e a grandeza desta hora, proclamamos bem alto que Salazar e o seu Governo, tendo consigo o espírito da Nação, na sua continuidade histórica, não podem nem devem consentir que ao serviço de mitos demagógicos se desencadeiem as ondas das paixões que possam perturbar a paz e a tranquilidade do povo português.

Portugal continuará a ser, porque todos assim o queremos, um oásis de paz, de justiça e de compreensão humana».

Finalmente:

«Importa renovar, mórmente no momento que atravessamos, o entusiasmo da primeira hora a reviver intensamente o espírito do 28 de Maio, para que determinados erros se não repitam, bastando apenas que nos demos aos caminhos que Salazar, em holocausto permanente, sempre nos indica pelas suas prudentes e sábias palavras e pelo seu magnífico exemplo.

É fundamental prestigiar as instituições e dar mais eficaz e larga audiência aos órgãos políticos, movidos unicamente pelo supremo objectivo do progresso do País, do bem estar do povo e do não afrouxamento do espírito de renovação que caracterizou a Revolução Nacional.

Há que pedir moderação «nas suas exposições e nos seus pedidos, nas suas queixas e nas suas reclamações» a muitos dos que a exageram ou são menos verdadeiros, confundindo interesses individuais com interesses colectivos, mas também se impõe lutar vivamente contra atitudes de desinteresse, de inércia e até de incompetência que numa ou noutra circunstância se possa verificar.

Importa, porque de imperiosa necessidade, promover uma intensa doutrinação política, que rompa o véu da noite escura e trágica, para que os homens compreendam o perigo de que a sua personalidade «libertada da escravidão pagã pelo advento do cristianismo, pode voltar de novo à triste condição de escravos».

Impõe-se acarinhar mais e doutrinar a juventude, e criar e desenvolver estruturas formativas que permitam o aproveitamento de tantas personalidades qualificadas—refiro-me especialmente àquela juventude que, por circunstâncias várias, cedo tem de interromper os seus estudos,—tornando-a bastante firme para resistir a todas as tentações ideológicas que podem seduzir, mas que conduzem fatalmente, como já tive ocasião de afirmar, a um desvirtuamento mal intencionado de mentalidades, à deturpação de novos ideais, que se traduzem enfim numa postergação dos quadros morais tradicionais.

Em suma, para que o revigoramento do regime seja efectivo, importa ter bem presente estas judiciosas palavras de Salazar: «os homens que se habituam a cumprir sempre e só o seu dever, pouco se lhes dá o lugar que ocupam: interessa-lhes muito desempenhá-lo bem». É indispensável, portanto, que não nos abandone a preocupação de obedecer à verdade ou pelo menos de procurarmos encontrar sempre os caminhos da verdade, sem os estorvos das paixões».

E terminou da maneira seguinte:

«Em Braga, em 28 de Maio de 1926, a espada fulgurante de Gomes da Costa simbo-

(Continua na quinta página)

Com este título publicou a «HOJA DE LOS LUNES» (Vigo), no dia 18 de Maio último, uma crónica curiosa sobre a nossa terra e as recentes Festas das Cruzes. Para não lhe retirarmos nada do seu sabor literário, transcrevemo-la na íntegra, na própria língua espanhola:

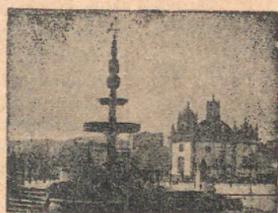
H

EMOS vuelto de un raudo peliplo por espacio português — uno más en el enjambre de minutos de acá que han querido rendir cortesia a una llamada y culto a un deber de fraterna intercomunicación—, con impresiones sentenciadoras. Si usted viaja con los ojos abiertos, usted ve, indudable-

mente; su sentido de la percepción y de la relación de lo que encuentra con otras realidades que conoce llega siempre a deducciones lógicas y, si el orgullo no es mucho y la objetividad le anda a uno por dentro con su pleno peso específico, el análisis le habrá llevado a alguna consecuencia que será tanto más útil cuanto más sepamos descubrirle una calidad de aleccionamiento o un factor netamente positivo.

En primer lugar, la Fiesta de las Cruzes se singularizó por su variedad de matices y por su conjunto de robusta originalidad humana. No suponíamos que la comarca del Cávado, aprisionada entre las alturas de Braga y las tierras llanas del Limia, comarca que se estira, muy bella, hasta Esposende, podría ofrecernos una asociación tan impor-

RETORNO DE BARCELOS



Crónica para saber y entender

tante de fiesta y de comunidad. La primera sensación trascendente ha sido la cohesión social de toda una comarca con la ciudad que es cabeza de la zona. Barcelos vive no sólo en propia función de vida muy concreta, sino como epicentro polarizador de una vida mucho más amplia y culminante.

De la montaña y del hondo valle ha venido la gente sencilla a unirse en una hermosa y ejemplar unidad elaborada con la ocasión mayor del jolgorio festivo. La «Fiesta de las Cruzes» demuestra lo mucho que puede conseguirse cuando se desea extraer un prototipo único de festejo recurriendo simplemente a lo que se tiene: elementos ambientales genuinos, producciones típicas, folklore particular, la pequeña artesanía aldeana,

tan llena de sabores hogareños, tan rica en el color y el vigor de lo terruñero. Barcelos, sin pretender más elementos que los que podríamos llamar autóctonos, locales, compuso algo de singular fuerza y poder de atracción y fijación por medios de una enorme sinceridad. En todas partes encontramos algo limpio que olía, sabía y parecía a cosa pura.

★ Hemos llegado al espacio donde el observador pudo captar impresiones tan personales por una «estrada» que era, más auténticamente, un paseo de jardín. La carretera, desde algo más allá de Viana do Castelo, asiste a un duelo permanente entre el bosque y el esplendor vegetal de los bordillos,

(Continua na quarta página)

Rua Cândido da Cunha

BARCELOS • Telefone 82313

ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua da Fábrica, N.º 2

PORTO • Telefone 24526



FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE BARCELOS

LIMITADA

FABRICO DE:

Fios de Algodão cardados e penteados  **Fios de Fibras Artificiais**

para TECELAGEM, MALHAS, PESCA E PASSAMANARIAS, etc.

RETORCEDURA ★ TINTURARIA ★ BRANQUEACÃO

Constituiu um êxito o Concurso de Quadras que a CONFIANÇA levou a efeito, o que plenamente veio confirmar a extraordinária popularidade de que disfruta e que bem se coaduna com a elevada categoria deste belo estabelecimento comercial.

Fiz três lindos vestidos
Sem contar fiz um a um
A CONFIANÇA com tais preços...
São três pelo preço d'um.

Tem mais por onde escolher
E tem menos a pagar...
E assim, não há que ver,
À CONFIANÇA vá comprar.

Meu andar parece dança
Como eu caminho ligeira.
Com sapatos da CONFIANÇA
Eu corro a cidade inteira.

CONFIANÇA

Rua de Santa Catarina
PORTO

**Automóveis de aluguer sem condutor
devidamente legalizados para o País e estrangeiro**

SIMCA 100 - VOLKSVAGEN e outras marcas

NECO

Rua Costa Cabral, n.º 14 a 18 — PORTO
Telefones — 42995 e 45459

EDITAL

Alfredo Teixeira da Costa Pereira Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial, faz saber que:

Luis da Costa Oliveira e José Joaquim Gomes de Faria requereram licença para instalar uma oficina de lavandaria, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio e alteração das águas, na Avenida Combatentes da Grande Guerra, freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Barcelos, distrito de Braga, confrontando a Norte com Acácio Araújo Coutinho, a Sul com a firma Textil João Duarte, S.A.R.L., a Nascente com a Ordem Terceira de S. Francisco e a Poente com Dr. Aires Martinho Faria Duarte.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas, apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo n.º 25445, nesta Circunscrição Industrial, com sede no Porto, Rua dos Bragas, n.º 61.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 12 de Maio de 1964.

O Engenheiro-Chefe,

Alfredo Teixeira da Costa Pereira

ALUGA-SE

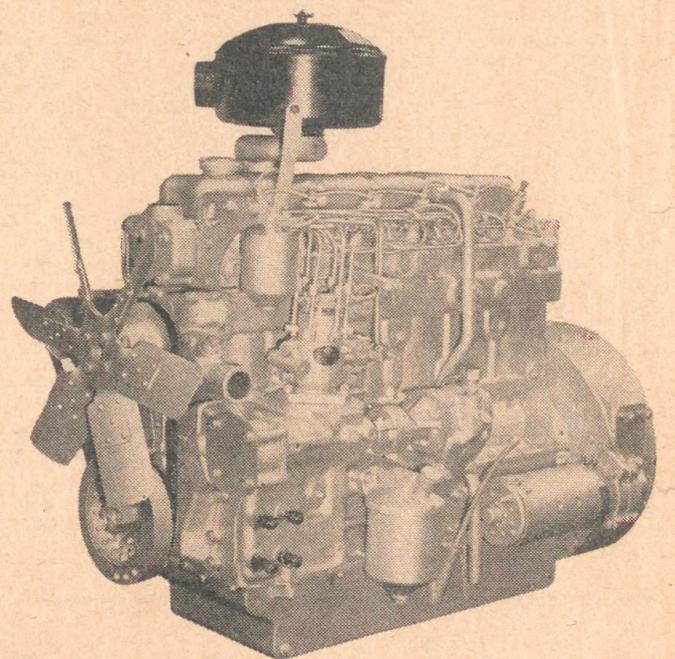
1.º andar de casa nova, na Rua D. António Barroso. Falar na Dro-garia da Praça — Barcelos.

VENDE-SE

Casa com quintal na Rua Miguel Bombarda, n.º 50. Informa a Pensão Bagoeira — Barcelos.

PERKINS

Os motores Diesel que mais se vendem em todo o Mundo
PREFERIDOS POR 854 FABRICANTES
de carros e camiões e de máquinas agrícolas e industriais e por construtores navais



Os mais resistentes — Os mais económicos

Assistência técnica por pessoal especializado na Fábrica

GRANDES STOCKS DE MOTORES E DE PEÇAS
nos DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

AUTO-INDUSTRIAL, S. A. R. L.

COIMBRA • LISBOA • PORTO • LEIRIA

PROBLEMA NOSSO E DE NOSSO SENHOR

(Continuação da primeira página)

derramado com tão pouca utilidade. E desabafou com os Apóstolos: Que grande seara e falta de obreiros! «Pedi ao Senhor do campo que mande mais operários para a sua seara».

Pedir a Nosso Senhor pelas vocações é pedir ao Nosso Pai pelos nossos irmãos: é dar consolação a Ele e ajuda aos outros; é exercitar o amor ao mesmo tempo filial e fraterno; é viver o espírito de família, que constitui mesmo a essência do Cristianismo.

Além de rezar pelas vocações, devemos também sacrificar-nos. Dos homens obtêm-se as coisas por compra ou troca. Porém, Nosso Senhor não vende nem troca nada, pois não pode ter interesse nem precisão das nossas coisas. Apenas deseja que de algum modo lhe mostremos a nossa boa vontade, o nosso desejo de obter alguma coisa. E o modo mais ao nosso alcance é mostrar-nos decididos a abraçar de modo autenticamente cristão qualquer sofrimentozinho, venha ele donde vier.

Quem é que não sofre neste mundo? Naturalmente julgamos que a única coisa em que somos ricos até demais. E no entanto, triste dizê-lo, quantos sofrimentos se perdem! Pomos todo o cuidado em afastar e não cuidamos nada de os aproveitar. Quando afinal é o sofrimento o preço da redenção do mundo. Jesus o remiu a sofrer; nós o ajudaremos a remir com o nosso sofrimento unido ao seu.

É tudo questão de imitarmos aquela jovem italiana que, consanguida a permanecer num sanatório entre companheiras comunistas indecentes, ainda tinha coragem para escrever: «Os sofrimentos morais, tão fortes, destes últimos dias quase deram cabo de mim. Porém, não me arrependo das ofertas que fiz a Nosso Senhor. E assim, continuo a pedir-lhe que faça de mim e em mim aquilo que lhe aprouver, sem nenhuma espécie de restrição. Pois amo muito a Jesus e com Ele também os meus sacerdotes, que quero ver todos santos».

P. BENTO NOGUEIRA
(da Ordem Hospitalar de S. João de Deus)

Retorno de Barcelos

CRÓNICA PARA SABER Y ENTENDER

(Conclusão da segunda página)

siempre cubiertos de arbustos delicados y encerrados por setos cuidadosos sobre los que el espíritu artístico del jardinero portugués se complace en un diestro recorte de figuras geométricas. El espectáculo jugoso y florido nos acompaña hasta la ciudad y la ciudad es un perfecto jardín. El «Parque da Cidade», recordándonos Castrelos, nos muestra toda la fuerza liberada de la floresta y el sentido más certero y hábil de la ordenación, de la grata comodidad y del arte desenvuelto en el alarde ornamental con un ponderado dominio de la discreción en la medida. La naturaleza, así, está cien por ciento en el «Parque da Cidade», sin que la perturbe la gracia improvisada de una fuente o la poesía janolada de bancos, acaso con el agua breve de un estanque o un surtidor, o la comodidad ordenadas en rincones donde canta el pájaro y donde todo es paz.

★ Fue en este Parque, sobre la gran pista donde la juventud juega al hockey sobre patines o hace baloncesto, donde asistimos a una espléndida condensación concentrada del arte peculiar quintaesenciado con que la comarca muestra su canto, su danza y su bello y llamativo traje popular. El grupo de la Casa do Povo de Barcelinos; el de Ageda, grupo da Beira Litoral; el ya consagrado rancho de Santa Marta de Portuzelo, el de Rebordoes de Santo Tirso, el de la Casa do Povo de Almeirim y, finalmente, el contraste intenso, como cargado de sol, calor y luz, del grupo de Santarem, donde es el Ribatejo, compusieron una fiesta copiosa de encanto, de brillo y de donaire. Todo, aquí, seguía de-

mostrando que al pueblo llano le bastan los acentos populares, la puesta en orden de lo que es suyo auténtico. A veces se escapa el espíritu de invención a las variantes menos nobles de lo moderno. En Barcelos si hemos visto un cortejo florido con cien carrozas(?) en batalla y todo, fue porque ha sobrado engalanar el carro y las yuntas, cubrir de guirnaldas el carricoche, inventarle graciosas figuras a los tractores. Y fue, en efecto, una larga y graciosa batalla la que presenciamos en el día de las Cruces. Con pequeños, puros, humildes e ingenuos anhelos de liberación hacia el júbilo en fiesta puede el corazón de las multitudes sentirse saltarín y feliz como un niño.

★ Hay ciudades grandes que se rinden a la costosa ostentación, a la tiranía de los hábitos modernos o sumisiones de bajo vuelo a prácticas festivas exacerbadas y añosas por exotismos desgarrados. Pero los sabores esenciales, las secuencias íntimas del alma del pueblo, esas son las que hay que hacer prevalecer.

★ Barcelos lo hizo en su «Fiesta de las Cruces». Barcelos, que canta así su lealtad firme a sus tradiciones en uno de sus más característicos pañuelos:

Barcelos, verde ringao,
terra lusa, nobre xente,
ond'un galo morto cantou
pra salvar um inocente.

MOTORISTA

com muita prática e com carta de carro ligeiro, pesado e serviço público, deseja colocação.
Carta à Redacção ao N.º 2.

Falecimentos

D. Maria do Socorro P. Braga

Em Braga, na sua residência, à Rua da Boavista, faleceu subitamente a Snr.ª D. Maria do Socorro Pereira Braga, de 75 anos, viúva, mãe da Sr.ª D. Ângela Maria Ferreira Braga e do Sr. A. Garibaldi, poeta, jornalista e escritor, director do «Notícias de Felgueiras».

O funeral da extinta Senhora realizou-se na passada segunda-feira, às 16 horas, da igreja do Hospital de S. Marcos para o cemitério do Monte de Arcos.

À Família, e muito em especial ao Sr. A. Garibaldi, nosso prezado colaborador, «Jornal de Barcelos» apresenta sinceras condolências.

José Guilherme Afonso (Nazaré)

Na sua residência, à Rua Miguel Bombarda, faleceu o Sr. José Guilherme Afonso, casado com a Sr.ª Maria Augusta de Carvalho.

O seu funeral realizou-se no passado dia 27, da sua casa para o cemitério municipal desta cidade.

Paz à sua alma.

Santa Casa da Misericórdia de Barcelos

Anúncio

FAZ-SE PÚBLICO que no dia 30 do mês de Junho próximo, às 15 horas, na Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para adjudicação de Ampliação do Hospital Sub-Regional de Barcelos:

Base de licitação — Esc. 4.755.333\$10
Depósito provisório — Esc. 118.883\$40

O Programa de Concurso, Caderno de Encargos e demais documentos estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente na Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos e na sede da Comissão de Construções Hospitalares, Avenida António Augusto de Aguiar, 19-2.º, em Lisboa, e na Delegação do Porto, na Rua da Alegria, 4-4.º, D.

Barcelos, 29 de Maio de 1964.

O PROVIDOR,

Armando Pereira do Vale Miranda (Dr.)

Guarda-Livros

Diplomado e com o curso de Caligrafia, habilitações literárias, correspondente Francês, conhecimentos gerais de Importação e Exportação, folhas de férias, seguros, estatística e dactilografia.

Pretende escrita em regime livre. Informa este jornal.

VENDE-SE

CASA e QUINTAL, no lugar do Tacho — freguesia de Macieira. Falar com Matilde de Sousa Novais, da mesma freguesia.

Propriedade

Em Rio Covo - Santa Eugénia, lugar do Eido, VENDE-SE uma magnífica propriedade de lavradio e muito bravo. Tem casa de senhorio e caseiro.

Para mais informações falar com a sua proprietária Snr.ª D. Joaquina Gomes Ferreira, em Rio Covo.

Arrendam-se

Lojas ou Armazém, na rua Manuel Pais, nos 1, 2 e 3, em frente ao jardim.

Para informações, falar com o Sr. Justino — Casa Coelho Gonçalves — Barcelos.

Adequada interpretação ao alcance dos Regadios Transtaganos

Terminou em espírito de sadio optimismo a visita do sr. Presidente da República aos novos empreendimentos hidro-agrícolas transtaganos.

Aos seus acompanhantes na visita ao Roxo e ao Mira impressionou, vivamente, para além das recepções apoteóticas que lhe fizeram as Vilas de Aljustrel e Odemira, o adiantado dos trabalhos, designadamente na construção das barragens do Roxo e do Mira e, muito particularmente, do canal principal do Mira (Orada), que o sr. Almirante Américo Tomaz não se furtou a percorrer nos seus locais mais difíceis, em que tem sido necessário remover centenas de metros cúbicos de terra e rocha e onde se observa um ritmo de trabalho e aplicação de maquinaria, com paralelo apenas, em construções públicas, na execução dos acessos sul da Ponte sobre o Tejo.

Caminham as obras do Baixo Alentejo, nesta 1.ª fase de trabalhos, a um ritmo, portanto, verdadeiramente satisfatório, e o que é deveras consolador é verificar a simultaneidade das obras, seja no paredão da barragem e seus órgãos, como nos canais que hão-de levar a água, bondade de Deus, onde ela transformará o triste, o desertificante e empobrecido sequeiro num oásis abençoado e nunca assaz enaltecido.

Estamos, portanto, a dois anos de ouvir cantar a água acumulada no Roxo e no Mira nas ressequidas terras do interior e do litoral do Distrito de Beja. Tempo que corre, tempo que foge, tempo que se passa num ápice.

Agora que já ninguém duvida da realidade que será o Plano de Rega do Alentejo importa acrescentar que o Governo não se limita a executar a «construção civil» da obra de rega. Um esmiuçar de intenções, decalcado nas declarações do sr. Secretário de Estado da Agricultura na sua conferência de encerramento da série patrocinada pela O. dos Engenheiros da especialidade agronómica e intitulada «os regadios no desenvolvimento económico e social da Nação» e, ainda, nas declarações proferidas há dias no Porto, na Faculdade de Engenharia, pelo Subsecretário de Estado das Obras Públicas sobre o Plano de Rega do Alentejo, trará, por certo, contribuição positiva para se saber a orientação agrária nos futuros aproveitamentos.

Referiu-se o sr. Eng.º Azevedo Coutinho à difícil posição da agricultura em face da vida económica, referindo o conjunto de conclusões aprovadas por unanimidade pelos países membros da O.C.D.E.: a) a agricultura não pode, por si só, resolver os seus problemas, mas apenas em integração harmoniosa com a economia geral; b) reconhecendo-se a necessidade de criar e manter explorações viáveis e capazes de proporcionar um nível de vida ao agricultor e à sua família, mas prevendo uma margem de progresso que possa acompanhar o crescimento de outros sectores. Assim, na questão fundiária, considera-se um mínimo mas não se pode fixar um máximo; c) necessidade de continuar a proteger, em determinado grau, os rendimentos das culturas enquanto se não realizam as adaptações necessárias, mas sem recorrer a medidas de protecção que entrem as reconversões necessárias. «Não podemos esquecer, disse o Secretário da Agricultura, que para a agricultura poder usufruir os seus direitos e responder cabalmente às suas obrigações terá de conquistar rentabilidade própria no mais curto período de tempo possível, para o que haverá de corrigir, corajosamente, um complexo conjunto de factores inibidores das diversas fórmulas de investimentos».

Acentuou ainda que «para a industrialização da agricultura é imprescindível que as culturas estejam ajustadas às características do meio físico. Sobre os regadios disse que «é notória a diferenciação de possibilidades entre os existentes e os a estabelecer no Sul do País e os de pequenas manchas regadas do centro e do Norte».

Visitas como estas que têm vindo a realizar-se nos meses de Abril e Maio tranquilizam as preocupações da lavoura de algumas das regiões de sequeiro que forçosa e vantajosamente para todos, para a Nação, passarão a regiões de regadio.

O sr. Eng.º Amaro da Costa deixou também esclarecido que «dúvida alguma pode subsistir acerca da importância nacional de rega do Alentejo» como «bem demonstram e sublinham as visitas do Supremo Magistrado da Nação».

H. BOAVENTURA

TRIBUNAL JUDICIAL DE BARCELOS (SECRETARIA)

ANÚNCIO

1.ª publicação

FAZ-SE SABER que por este Juízo de Direito e Segunda Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de seis meses, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu Manuel José Fernandes, solteiro, maior, proprietário, filho de António José Fernandes e de Maria Gonçalves da Seara, com última residência conhecida no lugar da Mota, freguesia de Gilmonde, desta comarca e actualmente ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, para no prazo de 20 dias, posterior àquele dos éditos, impugnar, na acção especial para justificação de ausência, sucessão e entrega de bens, que lhe movem e a outros os autores Ana Gonçalves Fernandes e marido, Francisco Subida Gomes de Sousa, lavradores, da mesma freguesia de Gilmonde, a sua alegada ausência em parte incerta. Os autores requerem, em resumo, que a referida acção seja julgada procedente e provada e, em consequência, os mesmos autores e os réus José Fernandes e outros julgados habilitados únicos e universais herdeiros do citado ausente, devendo ser-lhes deferida a sucessão e entrega de todos os direitos da herança do ausente.

São por este meio também cita-

dos, por éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, os interessados incertos naqueles autos, para no mesmo prazo de vinte dias, depois de decorrido o dos éditos, impugnam a alegada ausência em parte incerta do réu Manuel José Fernandes.

Barcelos, 29 de Maio de 1964.

O Escrivão de Direito,
a) Joaquim Pinto Coelho

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,
a) João Carlos Afonso da Rocha

O advogado dos autores,
a) Adelino Miranda de Andrade
[«Jornal de Barcelos», n.º 739 — 4 de Junho-1964]

D. Custódia Pacheco de Carvalho

AGRADECIMENTO e Missa do 30.º Dia

Sua Família agradece as manifestações de pesar que lhe foram dirigidas e comunica que a Missa do 30.º dia será celebrada na próxima segunda-feira, 8 de Junho, às 8 horas, na Igreja Matriz.

Barcelos, 2 de Junho de 1964.

radiadores

FABRICO E CONSERTO DE TODOS OS SISTEMAS

Fábrica LANDOLT

A mais antiga do País

Avenida Camilo — 144 Telefones: 51966 • 50075 PORTO

AS COMEMORAÇÕES DO «28 DE MAIO»

(Conclusão da segunda página)

Quando a vontade inabalável do Exército, abriu novos caminhos à Pátria portuguesa. A esse gesto histórico, onde se reflete um passado de heroísmo e de dignidade, sucedeu o aparecimento do génio de Salazar que deu à Revolução a força invencível do Espírito e da Inteligência. Na hora que vivemos, longe de desânimos ou de derrotismos, devemos erguer dentro de nós as barreiras intransponíveis da fé e da confiança. De novo o Exército português se encontra ao serviço de um alto ideal nacional e estou certo de que a justiça que o Mundo nos tem negado, virá um dia, — e há prenúncios que seja breve — a fazer-se e uma nova era se abrirá então diante de nós.

Que cada um cumpra sempre e só o seu dever, porque Portugal assim o espera.

Finalmente usou da palavra o Sr. Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, Dr. Paulo Rodrigues

Por se tratar de um ilustre membro do Governo que presidiu à Sessão, e pela oportunidade das suas afirmações, vamos dar na íntegra o discurso que então proferiu:

«A honra de ser recebido nesta augusta cidade de Braga; de poder ajoelhar perante a memória de quantos, no decurso dos séculos, aqui serviram a Pátria — e-me compensação generosa para muitas horas de luta. Da fidalga amizade com que me recebeis guardarei, sobretudo, o que ela significa de solidariedade nossa à intransigente dedicação com que procuro servir.

Celebra-se o 38.º aniversário da Revolução Nacional em hora grave e grande na vida da Nação; a guerra que nos movem e o sangue que corre em defesa da terra e do direito de Portugal se nos vedam a alegria em que celebramos outros aniversários impõem-nos, também, mais válida mais responsável tomada de consciência.

As revoluções que iam perdendo Portugal fizeram-se, um pouco, em qualquer tempo e lugar; a Revolução destinada a salvá-lo: «a única revolução necessária» — vós, da cidade primaz, nesta hora jubilar do Sameiro, entendéis o que eu quero dizer — tinha de fazer-se em Maio, tinha de nascer em Braga.

Louvado seja Deus por, trinta e oito anos volvidos, na firmeza da fé das primeiras horas, assim se poder reviver a Revolução dentro dos muros da sua cidade santa».

Está dito, há muito, merecermos nós, bem merecido, o ódio que nos vota o comunismo

Viva tem sido e permanente a nossa Revolução, obrigados em cada dia a manter intacta a vitória perante um inimigo que não desarma, um inimigo que em cada época adopta novas táticas e ataca em novos quadrantes.

Está dito, há muito, merecermos nós, bem merecido, o ódio que nos vota o comunismo.

Ora renovámos tal mérito levantando-nos, sózinhos, contra o plano comunista em relação a África. Ali, pela evolução já denunciada (anticolonialismo, nacionalismo, comunismo) pensava a Rússia ganhar

contra o Ocidente o assalto às defesas essenciais da Europa, que quase lhe daria a vitória sem necessidade de fazer a guerra. E tendo tido na condução dos seus planos, em grau que certamente não ousara prever, a ingénua e activa cooperação de alguns países do Ocidente, o comunismo vê erguer-se, na primeira linha dos poucos que em África frontalmente lhe resistem, a barreira daqueles padrões velhos de séculos todos eles encimados pelas quinas de Portugal — pedras antigas, hoje remojadas pelo sangue generoso dos nossos soldados.

Tivera o Ocidente ouvido as claras advertências que deste canto da Europa se lhe têm feito e muitas vidas e fazenda se teriam poupado e, por certo, seria mais firme a sua fortaleza e diferente e melhor a segurança do mundo actual.

Mas pondo a sua poderosa barca a navegar ao sabor dos «ventos da história» que o comunismo sopra, os próprios Estados Unidos jogaram em África, a cartada de bizarras emancipações, fazendo corresponder à autodeterminação certa ideia simplista de plebiscito e antevendo, para este, como único resultado justo, a vitória do racismo negro.

Assim se enfraqueceu a Europa e, com ela, o Ocidente.

Devemos estar presentes e unidos sob o único comando válido: aquele que com firmeza inabalável, soube na hora trágica de Angola dar a ordem viril de resistir e vencer

Alguma luz começa a romper a barreira de nuvens que no mundo se ergueu para esconder a razão portuguesa.

E se soubermos aguentar — e saberemos! — há-de a nossa razão erguer-se à clara luz do sol.

Mas até lá não seremos poupados pelos golpes do comunismo; o assalto ao «Santa Maria», a tentativa revolucionária de Beja, as arruaças do 1.º de Maio, boa parte da agitação académica — tudo são actos dum mesmo plano de ataque.

São-no, ainda, as notícias tendenciosas ou os silêncios intencionais em muitos órgãos de informação estrangeiros: actos da guerra psicológica que nos movem no mundo.

E de sua inspiração distante decorrem, muitas vezes, certos factos de inocente aparência, desde a tentativa de criação, nas páginas de crítica e nas decisões de júris mais ou menos responsáveis, de supostos méritos literários e artísticos, que uns inventam por obediência e outros aceitam por ingenuidade; até à agitação da bandeira da confusão progressiva de certos cristãos-novos que se arrogam magistério que não têm; e ao desvio de teses educacionais justamente preocupadas em formar homens fisicamente aptos, tecnicamente competentes, moralmente íntegros mas, aqui e além, esquecidas de formar portugueses que sejam isso tudo.

Brotoando da raiz comunista, ainda hoje o inimigo «está em muita parte e até em nós mesmos se não sabemos medir a gravidade desta hora nem cumprir todo o nosso dever. Está o inimigo, sobretudo e sempre, em todos os lugares e postos que a nossa inércia deixa vazios. Está, pois, não por força própria mas fazendo sua força a fraqueza da nossa ausência ou da nossa divisão».

Se soubermos vencer as pequenas tentações de divisão nas nossas hostes e, unidos, nos dispusermos a encarar o inimigo, basta-nos para vencer, hoje como então, estarmos presentes sempre e em toda a parte.

Estarmos «presentes sempre na vigilância, na contradição, na acção». Estarmos presentes e unidos sob o único comando válido: aquele que, com firmeza inabalável soube, na hora trágica de Angola, dar a ordem viril de resistir e vencer.

...E continua um abrir de caminhos de melhoria de vida dos portugueses

Porque há muito nos empenhamos em fazer no País uma Revolução na Paz, pudemos serenamente

continua-la durante o esforço dispendido na guerra que nos foi imposta.

Bastante fruto se processará, mesmo, mediante esse esforço.

Nós pudemos manter a guerra sem afrouxar o ritmo do fomento económico que, no continente, nas ilhas e no ultramar, promovíamos. E os soldados que voltaram da frente, e os que na paz da família se fixaram no Portugal africano sabem entender mais vivo o anseio de não quebrar a linha dessa valorização integral do espaço português.

O progresso económico, que o saneamento financeiro tornou possível, e que se iniciara na arrancada das comunicações e da energia, foi prosseguido, em todos os campos, pelos sucessivos planos de fomento e sempre com serena persistência se tem firmado.

Mais amplas linhas de planificação; técnicas constantemente aperfeiçoadas; recursos de investimento mais vastos abrem rumos de valorização à comunidade que constituímos e permitem, dentro das empresas, maior justiça e, na vida social, mais rápida e mais ampla promoção.

Novas fontes de riqueza e novos caminhos de acesso e de bem estar se vislumbram (a mim se me perdoará que me regozije por, no plano de investimentos em estudo se dedicar, pela primeira vez, um capítulo ao Turismo) e, em tudo, se continua a abrir caminhos de melhoria de vida aos portugueses.

Não falta ao Regime legitimidade para prosseguir, nem aos que o servem fé para vencer

Aguentar o cerco, vencê-lo, manter a integridade nacional, vivificar o sentido do progresso económico do País e de promoção social da gente portuguesa, aclarar o ritmo do seu processamento — são rumos actuais do movimento nacional.

Também os regimes se provam na adversidade.

Não falta ao regime legitimidade para prosseguir, nem aos que servem fé para vencer.

Porque nascemos e nos formámos com a Revolução os homens da minha geração bem podemos vivê-la integralmente, entender-lhe os anseios profundos, ajudar a continuá-la.

Podemos vivê-la integralmente posto que não nos tocou o espírito a iniquação doutrinária que inspirara épocas anteriores da vida nacional e contra a qual, ousadamente, se revoltaram nossos maiores.

Entendemos-lhes os anseios profundos porque ainda podemos sentir, directamente, as últimas consequências do sistema que ruíu em 28 de Maio e porque esses anseios pudemos vê-los concretizados nas lutas e nos sacrifícios de nossos pais, e na alegria da sua libertação soubemos medir o peso das grilhetas de que haviam libertado o País.

Podemos ajudar a continuar a Revolução, avançando um passo mais no caminho, porque também directamente aprendemos o sentido dos passos que deu antes de nós — e soubemos das dificuldades que houve a vencer, dos princípios que foi necessário evitar, dos desvios a que foi preciso fugir para não perder de vista o essencial.

Porque noutros caminhos, antes tentados, se não assegurara a «solução nacional», e porque a herança dos séculos se não pode perder, alguns temeram que aos mais novos, desligados das raízes da Revolução, a própria paz interna em que se criaram, e as alterações circunstanciais que as guerras externas marcaram nos quadrantes do Mundo, os impedissem, de ver claro.

Isso que seria a crise de crescimento, possível em todas as Revoluções profundas como a nossa e que perdurem o suficiente para a sofrer, teria suscitado mesmo alguma preocupação quanto ao que se julgou ser a menor apudão das novas gerações para entenderem, em todo o seu alcance, o sentido da Revolução Nacional, por não terem conhecido, directamente, os males que, de modo imediato, se destinava a sanar.

Não poderia, porventura, prezar justamente a liberdade religiosa quem não sofreu perseguição; avaliar benéficos da ordem quem não conheceu a

desordem nas ruas; conhecer por inteiro os frutos da estabilidade administrativa e financeira quem não sentiu o descalabro que as antecedeu.

Mas já hoje se não poderá negar que no seu conteúdo positivo e permanente, o ideário da Revolução possui força bastante para merecer ser servido por qualquer geração de portugueses.

Fazer de Portugal «uma grande e próspera Nação» e fazê-lo no respeito de «Deus e da virtude, da Pátria e da sua História, da autoridade e do prestígio, da família e da sua moral, da glória do trabalho e do seu dever» são ideais que qualquer português perfeitamente entende e sente.

E que estas coisas nobres e altas da vida são, afinal, as grandes realidades, contra as quais nada valem (como, um dia, aqui se disse) «filosofias e filósofos ou sonhos de sonhadores».

O objectivo essencial da Revolução: reaportuguesar Portugal

Eis pois que a guerra de África, com seu baptismo de sangue, sagrou naturalmente entre os mais novos a ancestral intuição das verdades eternas, cujos caminhos defendem de armas na mão; e que, aos tibios e às suas traíções, os vai triturando a própria História que os rapazes galhardamente escrevem contra o invasor, no Portugal africano.

A nós nos cabe a honra de não deixar a juventude que se bate — de lhe garantir a rectaguarda, de lhe preparar, para nele viver a alegria da vitória, o Portugal melhor que se anteviu em Braga nessa manhã de Maio.

Eu creio que a gente nova entende hoje talvez mais claramente, o objectivo essencial da Revolução: reaportuguesar Portugal.

Os rumos da Pátria vêm-se, mais nítidos, sob o sol a pino dos contrafortes da Pedra Verde do que nas tertúlias mornas onde se instolam génios incompreendidos...

Importa, agora, que quantos têm responsabilidade de mandar oíçam aqueles que souberam merecê-lo pelo seu sacrifício e pela sua serena valentia. Esses que à luz forte dos combates, puderam ver que realmente é chegada a hora em que a grande, «a única divisão é entre os que servem a Pátria e os que a negam».

Esses que nos horizontes largos de Angola vislumbraram, mesmo no espaço, a verdadeira dimensão nacional sabem que não podemos perder um minuto nem na defesa da integridade das fronteiras nem na manutenção e desenvolvimento das condições políticas, económicas e sociais que nos assegurem, vencida a vigília da guerra, todo o benefício moral e material que merecemos por termos sabido, numa hora de renúncia geral, manter viva sobre a terra, pelos continentes e pelos mares repartida mas una e igual a si mesma, a verdadeira face de Portugal.

A fidelidade das novas gerações ao sentido transcendente da missão portuguesa no mundo tem de promover-se, como imperativo nacional iniludível. Levantar esta bandeira e mantê-la ao alto contra vento e maré, bem pode ser o objectivo dos próximos trinta e oito anos da Revolução.

Se bem interpreto os vossos sentimentos, poderia dizer ao Presidente do Conselho que Braga lhe manda renovada, a resposta que lhe deu quando assim terminou memorável discurso: «não desajava ir daqui sem saber quem tem coragem para nos acompanhar».

Ao ouvir o vosso recado, decerto o Presidente Salazar recordará em seu coração a legenda que, de vós, aqui ergueu um dia: «eis um facho que se não extingue; eis uma fé que se não abala; eis uma dedicação que não amortece».

CARTAZ DESPORTIVO

Uma carta a propósito do nosso último «Comentando»

Braga, 30 de Maio de 1964

Ex.º Senhor Administrador do «Jornal de Barcelos»:

Por me ter sido enviada, tomei conhecimento da notícia que no seu conceituado jornal n.º 738 — Ano XV — na secção «Cartaz Desportivo» na página cinco, datado de 28 de Maio do corrente ano, se relata os acontecimentos ocorridos no domingo, após o jogo Gil Vicente-Fafe.

Como o «Ilustre Barcelense» não sente a culpa da traição que lhe imputam, nem tão pouco lhe foi pedido qualquer esclarecimento para dele se poder ajuizar da sua culpabilidade, no pleno uso dos seus direitos, e ao abrigo da Lei de Imprensa, vem muito respeitosamente solicitar a V. Ex.ª se digne mandar publicar — para bem da verdade — no mesmo jornal da próxima edição de 5.ª feira, na mesma secção «Cartaz Desportivo» o esclarecimento público que se segue:

1.º — Ao signatário, não lhe foi dirigida qualquer petição quer verbal quer por escrito e por quem quer que fosse, para utilização do telefone da sua residência;

2.º — O signatário, depois das 15 horas, encontrava-se fora da sua residência, dentro do seu estabelecimento, acompanhado de suas filhas, sua irmã, filhas e genros desta sua irmã, residentes em Vila Nova de Famalicão, em conferência e estudo com o fim de se procurar um acordo amigável na partilha dos prédios sitos no Campo 28 de Maio de que todos são comproprietários em comunhão de bens, facto este que pode ser comprovado pelos 11 inquilinos dos mesmos prédios e com quem todos estivemos em conversação;

3.º — Que por esta circunstância, seu filho Jorge, aluno do 7.º ano do Liceu de Vila Real, durante esta sua ausência, autorizou que uns colegas amigos que o acompanharam, se servissem do telefone da sua residência;

4.º — Que o signatário, tendo nascido em Barcelos no ano de 1905, aonde foi criado e educado, sempre tem pautado as suas acções, quer de carácter particular, quer da sua vida comercial de há 33 anos, — com absoluto critério e honestidade, cumprindo sempre com todas as suas obrigações «sem mancha alguma» e, com igual critério, também já serviu o próprio Clube «Gil Vicente» no

cargo directivo, mesmo com manifesto prejuízo de várias centenas de escudos, além, de ter prestado — desinteressadamente — vários anos sucessivos os interesses da Cidade com absoluta imparcialidade e isenção — pelo que se considera sempre respeitado por todas as pessoas de Bem «e tantas elas são e têm sido nesta hora amarga e dolorosa da sua vida» que, desde a 1.ª hora dos acontecimentos em causa, quiseram ter a amabilidade de vir testemunhar pessoalmente vindo ao seu estabelecimento, quer por escrito, a manifestar a sua repulsa por tão insólitas e selváticas atitudes, oferecendo os seus préstimos dirigindo palavras amigas de consolação e conforto, com a reiteração da continuação da sua estima e consideração de outrora. A estes bons e leais amigos, daqui lhes envia um abraço envolto num muito e sincero obrigado;

5.º — Finalmente, repudia com veemência toda e qualquer suspeição de suborno ou conluio que imputam ao signatário, relegando ao Tribunal competente, todos aqueles — seja quem for — que façam ou proporem quaisquer insinuações ou imputações praticando actos menos dignos que possam ferir o seu conceito moral, familiar ou comercial, exigindo por todos os meios provas verdadeiras e

concludentes, de tudo quanto se afirmar ou praticar;

Assim, o signatário tendo a certeza de que por tudo se encontra inocente das acusações de que foi vítima, sente por dever, «devoilver à sua procedência com as honras que são devidas», todos os apodos e insultos que lhe foram dirigidos, consciente ou inconscientemente, e que Deus lhes perdoe — já que por si e pelos seus familiares — lhes não pode perdoar.

Antecipando desde já a V. Ex.ª o meu agradecimento pela publicação que solicito, tenho a honra de me subscrever com a maior consideração

De V. Ex.ª
Muito Atentamente

Acácio Araújo Coutinho

N. R. — Não temos a menor dúvida em publicar esta carta, até porque entendemos que a ninguém se deve negar a defesa. Entretanto, qualquer comentário que a carta justifique ficará a cargo dos leitores.

Comentando...

Levando em linha de conta que as datas são escassas e digamos pouco previstas para estes imponderáveis que surgem nos meandros do futebol nacional, tudo leva a crer que os inquiridos solicitados à Federação Portuguesa de Futebol pelo Gil Vicente e Clube Desportivo de Chaves, vão ter um andamento vivo e capacidade resolutive por forma a prestigiar o Desporto e o Justiça. Para já, sabe-se, que a pessoa designada pela

Federação, trabalha activamente no sector de captar indícios que o levem a traduzir conclusões, esperando-se de um dia para o outro a sua vinda a Barcelos, já que o seu campo de acção se situa entre Vizela — Fafe — Barcelos — Vila Real — Chaves.

A menos que, as ilacções tiradas sejam de tal ordem e índole que se quedem pela primeira ou primeiras investidas, com prova documental de suborno de qualquer interveniente.

Uma coisa é certa: não está esquecido nem amolecido o que gravita à volta dos interesses do Gil Vicente, muito menos o que gerou o escabroso resultado dum equipa que sempre tinha dado boa conta de si.

Confiantes esperamos que Justiça nos seja feita.

O facto de usarmos o vulgarizado pseudónimo, não nos inibe de assumir toda e qualquer responsabilidade pela palavra escrita e aqui exarada.

De qualquer modo, vem este esclarecimento a talhe de foíce para firmar a posição assumida e declarar que não nos prestamos a dúbias mistificações, considerando até ultrajante a dúvida posta nos nossos assertos e considerações de exclusiva lavra.

A nossa capacidade de escrever sobre coisas desportivas é relativa, mas muito nossa e disso nos prezamos.

A ajuizar pela estirpe do despeitado comentador que duvida da legalidade e propriedade dos nossos escritos, temos que convir que se não trata de pessoa moralmente idónea, a menos que se trate de algum indivíduo de cabeça dura, arrazado pelo despeitamento.

Aguardemos até à validade de uma resposta adequada.

Começou o Oquei patinado que tem por cenário o lindíssimo Parque da cidade. No passado sábado defrontaram-se as equipas

(Continua na última página)

Redacção e Administração:
Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras
Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 82465
BARCELOS

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista

Composição e impressão:
EDITORA POVEIRA—Póvoa de Varzim
Telefone 257
Visado pela Censura

Podia ser pior SOCIEDADE O I CENTENÁRIO DO SAMEIRO

Pelo DR. ABEL VARELA E SEIXAS

(Conclusão da primeira página)

Por esta terra grande, para onde o Destino nos atirou, pensávamos ao princípio da estadia, que animais de estimação, cães, gatos ou «lulus» de luxo, seriam apenas os que víamos pela trela ou ao colo, não só das mocinhas como de respeitáveis madamas. Até mesmo, vá lá, os possantes lobos da Alsácia e os inteligentíssimos cães pastores, asilados em andares igualmente de luxo, ou sem ele, construídos neste período de post-guerra infernal, e que as donas trazem à rua para... tomarem ar, sujeitando-se elas às mesmas paragens e aos mesmos gestos, de paciência amorosa, que talvez não haja para filhos ou netos.

Que admira? O senhor Churchill, não deixou para aí a moda do charuto em que tantos se passaram a pendurar? Um actor de cinema não levou muitos a rapar o cabelo à navalha de barba, o que em tempos mandava fazer o saudoso Comandante Ferreira do Amaral, a certa e determinada casta? Não terá havido para a momiche, a macaquice humana, um peralta que inventasse a moda do cachimbo e que agora muitos usam, empestando o ambiente e incomodando toda a gente? Quem nos garante que amanhã, não aparece novamente a caixa do rapé?

Ora se o homem pode imitar, porque é que elas não devem imitar qualquer coisa, com os seus canídeos? Mas esta é a fauna animal propriamente dita, que nos pode levar a comentários ou encolher os ombros. Pouco ou nada teremos com isso, nanja a Companhia dos Transportes Colectivos que não lhes reconheceu — e muito bem, convenhamos! — o direito de viajarem nos seus carros...

Espírito inglês e prático. Se não fora assim, quantas vezes chegados ao carro, após um dia de trabalho, à roda das dezoito horas, teríamos de viajar de pé, porque os lugares viriam ocupados, evidentemente pagos pelas donas dos excellentíssimos canídeos e mastins, gozando os pequenos de boria, por viajarem ao colo e ser difícil apresentar cédula que mostre terem mais de quatro anos...

Mas viajam livremente nos luxuosos carros das suas damas... Os felizes!

E os nossos pobres rafeiros, que merecem estátua, rudes, montanheses, guardas brutos de quinta, jardim ou pomar, serão capazes de não gostar muito deste luxo.

Não lhes agradará de certo que «os mais finos», por instinto a todos peculiar, olhem de forma diferente, com olhar provocante, tendente a cair em desaforos, para as companheiras da sua igualha, mirando-as do automóvel, ao lado da dona que conduz, seguindo afinal lição e exem-

plo do patrão quando rola só, por essas ruas e avenidas...

Mas há mais... há os beatles das cabeleiras, parece que até bons rapazes e chefes de família, os sujeitos, num sentido de falta de água e sabão, chamados existencialistas, ou imitadores simiescos dos boémios de Paris, que afirmam não largarem a cara, para não perderem o... carácter.

Há; e são os supers. Não se lhes definem as funções, atitudes, poses. Fica a coisa ao arbitrio e argúcia de cada um, do leitor, que já terá encontrado um destes espécimes na primeira esquina da rua por onde siga à sua vida, café, cervejaria ou «boite», mas tudo elegante, evidentemente. Não admitem controvérsia, porque são onnipotentes e sabem de tudo; porque as suas opiniões são dogmáticas...

Como os cachorros de luxo, não viajam nos «colectivos», porque têm carro pago a prestações ou já hipotecado, figurando nos códigos dos fornecedores... Mas são capazes (já que nasceram de forma especial e voltados para a lua) de não usarem coleira, ao contrário dos outros a que aludimos, mas camisa desportiva, de não pagarem imposto...

Não são cachorros de luxo; andam de automóvel que voltam quando calha. São mas é, como lhe chamaria o irmão brasileiro: — «Cachorro vira lata!».

Lata, cara, face, propriamente dita; e lata, sinónimo de automóvel...

CARTAZ DESPORTIVO

do Oquei Clube de Barcelos — Académico de Braga, para início da Taça de Honra do Minho.

Devido à chuva ininterrupta julgou-se não ser possível efectuar o encontro marcado, mas tal veio a acontecer, sofrendo o nosso representante a pesada derrota de 1-6 devido em parte ao escorregadio do recinto.

Esperamos uma melhoria do nosso representante, tanto mais que estão a intensificar a sua forma com treinos assíduos.

Não ficou o público afecto aos jogos de futebol privado do seu desporto favorito. Devido a não estar devidamente legalizado junto da Inspeção dos Espectáculos, está o Santa Maria Futebol Clube impossibilitado de realizar jogos no seu campo. Para dar cumprimento a esta parte final do Campeonato Regional da 2.ª Divisão, realizou o simpático Clube de Galegos, no Campo Adelino Ribeiro Novo, um desafio de futebol contra o Amares Futebol Clube.

Com público entusiasta e fases de grande emoção, terminou o desafio com o empate a 2 bolas.

Note-se a brilhante recuperação do Santa Maria Futebol Clube, que estando com o marcador desfavorável em 2 bolas, conseguiu impor um empate, merecendo até a vitória.

CÊCÊ

ANIVERSÁRIOS

Quinta-feira, 4

D. Amélia Martins Sobreiro, D. Estefânia Beza da Costa Almeida F. Oliveira, Amadeu Mesquita, Pedro Manuel de Azevedo Miranda Baptista.

Sexta-feira, 5

D. Maria Fernanda Pacheco Rodrigues da Fonseca, Eng.º Francisco Pereira de Faria, menino José Jorge da Silva Perestrelo, menino António Horácio Limpo de Faria Queirós, menina Ana Maria de Sousa Cunha Pinho.

Sábado, 6

D. Umbelina Barreto de Faria, José Manuel da Silva Perestrelo.

Domingo, 7

D. Maria Fernanda Gonçalves Miranda, Pedro Francisco Areal Mothes, Manuel Arménio P. Correia.

Segunda-feira, 8

Capitão João Esteves de Miranda, D. Margarida Rodrigues Teixeira de Barros, D. Maria Virginia Natividade Miranda Veiga, José Augusto Fontainhas de Carvalho, D. Ana Maria Pinho Ferreira, menino Nuno Manuel Gomes de Sá Maia.

Terça-feira, 9

D. Maria José Vieira Miranda Basto, D. Maria Adolfa Pacheco Leite, D. Maria de Lurdes Cruz Sousa Lima.

Quarta-feira, 10

Raúl Carlos da Cruz Veloso, D. Maria Celeste Pereira Almeida, D. Maria Isolete Vasconcelos Bandeira e Lemos, menino António Cândido Gomes S. Cunha Freitas.

Banco Nacional Ultramarino

Da agência, em Barcelos, desta Casa Bancária, superiormente dirigida pelo Sr. Guilherme Pimentel, recebemos o «Relatório, Balanço e Contas, referentes ao Exercício de 1963.

No próximo número far-lhe-emos uma referência especial.

(Continuação da quinta página)

Chave do TOTOBOLA

O nosso prognóstico para Domingo:

EQUIPAS	1	X	2
Brasil — Portugal	1		
Lusitânia — Ferroviário	1		
Vianense — Feirense		x	
Espinho — Leça F. C.	1		
S. C. Braga — Leixões	1		
Covilhã — Académica			2
Sanjoanense — Marinhense	1		
Peniche — Beira Mar		x	
Sacavenense — Atlético			2
Torriense — Seixal	1		
Os Leões — Oriental	1		
Lusitano V. R. — Farense			2
Portimonense — Barcelosense			2

Leia o «JORNAL DE BARCELOS»

de Estado, dr. Pinto de Mesquita, e Monsenhores Avelino Gonçalves e Lopes da Cruz, Conde de Riba d'Ave, comendador Nogueira da Silva, Monsenhor Honorato Monteiro, Cerimonitário, e o Prof. dr. Luís Fiadeiro Gonçalves Cerejeira Gentil-Homem.

A recepção prestada ao Eminente Purpurado — com honras de Chefe de Estado — foi imponente e carinhosa. Diremos mesmo que para além do brilho, da imponência, ficou bem gravada a nota de ternura e de carinho que os bracarense e todos os que se lhes somavam vindos dos pontos mais distantes da Arquidiocese, quiseram tributar ao Legado Pontifício, e minhoto de estirpe.

Em Lousado, juntaram-se à comitiva legatícia, o Governador Civil de Braga, o Vice-Presidente da Câmara, V. Viriato Nunes, Monsenhor Manuel Peixoto da Costa e Silva, Vigário Geral e Presidente da Confraria do Sameiro e que também representava o Senhor Arcebispo, e Monsenhor Mouta Reis, em representação do Cabido. Por sua vez, a aguardá-lo, viam-se na estação, D. Francisco Maria da Silva e todos os prelados já em Braga, entre os quais o Arcebispo Conde e Bispo Auxiliar de Coimbra, o Arcebispo de Évora e os Bispos de Bragança e do Algarve, o Bispo de Vila Real e o seu Auxiliar, e Mons. Rotoli, Secretário da Nunciatura, bem como as principais autoridades civis, militares e judiciais.

Presta a guarda de honra um Batalhão de Infantaria n.º 8, com fanfara, e a Banda de Música do Regimento de Infantaria n.º 6, do Porto. Prestadas essas honras, organiza-se o cortejo em direcção à Sé Primacial, com escolta de motociclistas da G.N.R.

A tarde está macia. Só o vento sacode as bandeiras e paira uma ameaça de chuva, que o povo aguentará se for preciso. É quando o cortejo chega ao Arco da Porta Nova. Aqui, o Vice-Presidente da Câmara, dr. Viriato Nunes, depois de breve saudação em nome do Concelho, faz entrega da Chave da Cidade ao venerando visitante. A aguardá-lo estavam, então, as Autoridades dos Distritos do Porto e Viana. Pouco

Um enorme cortejo automóvel acompanha o Legado Pontifício até à sua residência em Braga

Depois foi o cortejo até à residência legatícia — Casa do sr. Comendador Nogueira da Silva. Apoteose, flores, vivas, aclamações, entusiasmo e fervor — fervor religioso que, por certo, durará toda a semana em honra e Louvor da Senhora do Sameiro e para que Ela conceda a Paz a Portugal.

Agora, naquela nobre casa da Avenida Central, em Braga, há-de ver-se a Bandeira Nacional, com guarda de honra, para o que fora hasteada com o protocolo do estilo.

Destes cantos, «Jornal de Barcelos» beija o sagrado anel cardinalício, ao mesmo tempo que, de joelhos, saúda a Virgem do Sameiro, Padroeira de Portugal.

Festa das Crianças em Braga

É cada vez mais elevado o número de crianças, que anunciam a sua incorporação na Festa das Crianças, no dia 6 de Junho, em Braga. Estão ultrapassadas as previsões mais optimistas, calculando-se que o número de crianças que se vão concentrar junto de Nossa Senhora do Sameiro será superior a 30 mil. Esta romagem decorrerá na melhor ordem, constituindo homenagem gratíssima à Mãe de Deus.

A solenidade realiza-se toda na cidade de Braga, sem que as crianças subam ao Sameiro.

O Cortejo Mariano, composto de 66 grupos elegóricos sobre a vida e glórias de Maria Santíssima irá integrado no desfile das crianças.

FALTA DE ESPAÇO

A falta de espaço com que lutamos no presente número inibiu-nos de dar publicidade a muitos originais, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

METAIS ALMADA

Alumínio, cobre, latão, zinco, níquel, antimónio, chumbo, estanho, tubos, cavilhas, perfilados, etc.

MANUEL TEIXEIRA PRATA & C.ª

Telefones: 24 325 • 29 968 • 32 241 • 24 213
RUA DO ALMADA, 395 — PORTO

PEQUENOS ANÚNCIOS

Maria Angelina Correia

Médica Especialista de Crianças
Clínica Geral de Senhoras
Consultas das 10 às 12
Campo 5 de Outubro Telef. 82398

Manuel Monteiro de Carvalho

MÉDICO
Consultório: Campo 5 de Outubro, 14
Consultas das 15 às 18 horas
TELEF. Consultório 82325
Residência 82609
BARCELOS

CÉSAR FERREIRA CARDOSO

ADVOGADO

L. D. António Barroso, 9 — Telef. 82447
BARCELOS

Relojoaria Carvalho

★ O RELOJUEIRO DE CONFIANÇA EM BARCELOS
Avenida Dr. Oliveira Selezar, 40

PARA PRESENTES...

(fixe somente este Casa)

Ourivesaria Milhazes

Filial: Rua D. António Barroso BARCELOS
Sede: Rua 5 de Outubro, 35 PÓVOA DE VARZIM

ÁGUA DO LUSO
ÁGUA DA BELA VISTA
ÁGUA DE CAMBRES

Casa Águia - Telef. 82445 - Barcelos

Animais — Aves — Rações

Preparam-se juntando aos cereais ou resíduos «CÁLCIO — VITAMINAS E ANTIBIÓTICOS»
Mais economia e eficiência
LABORATÓRIO DA FARMÁCIA PINHO
GUIA — LEIRIA

ALTO-FALANTES

...prefira sempre a
Casa SOUCASAUX
Fotografias - Rádios - Óculos - Artigos fotográficos
Tel. 82345 BARCELOS

Maquinas de Costura SINGER usadas
Também tenho ZIG-ZAG modernas
último modelo, com luz — bons preços

Fernando Valério de Carvalho

Av. Combatentes da Grande Guerra, 158
Telefone 82583 BARCELOS

Móveis TELES

MAIS BONITOS
MAIS BARATOS
ELHOR SORTIDO
Todo o género de Colchoaria, Maples, Sofás-camas, Divãs de ferro art. e Mobiliário metálico
Tapetes, Carpetes e Alcatifas
Campo da Feira — Telef. 82453 BARCELOS